

A força que vem dos pais

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

As famílias Pereira e Gonçalves vivem na Vila Estrutural. Hoje, os padrões sociais e financeiros não são muito diferentes nas duas casas mas, de acordo com estudos e pesquisas, é provável que as crianças das duas famílias tenham futuros bastante distintos. O diferencial está em um pequeno detalhe: a participação dos pais na vida escolar dos filhos. O Ministério da Educação (MEC) mapeou os hábitos dos melhores alunos em duas das provas que aplica com regularidade — o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que afere o nível de estudantes de 10 a 15 anos, e o Enade, que mira os universitários.

O resultado confirmou o que educadores repetem há anos: a presença dos pais é um dos fatores que mais têm influência sobre o desempenho dos estudantes. Pela constatação do MEC, há melhora de 10% nas médias de desempenho quando os adultos conversam com os seus filhos sobre o que acontece na escola. Em relação ao dever de casa, se os pais cobram que os filhos façam a lição, a média é 8% superior.

Antônio Coelho Gonçalves, pai de Gabriel, de 8 anos, e Flaviana, de 7 anos, estudou até a 5ª série do ensino fundamental e trabalha à noite em uma transportadora. Nesse período, as crianças ficam com a mãe. Quando chega do trabalho, Antônio encontra os filhos se preparando para a aula na Escola Classe 1 da Estrutural. Conversa com a dupla sobre a rotina e elogia a disposição dos dois de ir para a escola, fazer o dever de casa e cuidar dos cadernos e livros. Filho de pai e mãe analfabetos, ele sonha com o dia em que as crianças se tornarão adultos independentes e capazes. "Quero o que é melhor para eles. Participo das reuniões na escola e converso sempre com os professores", conta.

A rotina da família Pereira é bem diferente. Liane Rosa Pereira, de 28 anos, passa o dia inteiro fora de casa, trabalhando. Quando os cinco filhos — Alan, 9, Mônica, 8, Etienne, 5, Vitória, 3, e Evelin, 2 — acordam, ela já deixou o almoço pronto e saiu. O mais velho esquenta a comida por volta das 11h30. Uma hora depois, Alan, Mônica e Etienne vão para a escola. As duas menores ficam com a tia. Assim como Antônio, Liane também estudou só até a 5ª série. Mas ela não participa da rotina escolar dos três filhos. Só vai à escola do Guarã, onde estudam os dois mais velhos, e à Escola Classe da Estrutural, da caçula, na época da matrícula.

A única escola da Estrutural tem 1.460 alunos. De acordo com a diretora, Marlene Cristina dos Reis, a proximidade das casas das crianças e a idade delas fazem com que 90% dos pais tenham algum envolvimento com o colégio. O número é alto para os padrões do DF. "Pode parecer que vivemos em um mar de rosas. Não se engane. Os que não aparecem por aqui são os pais dos 150 com maiores problemas

de aprendizado", observa Marlene. "A relação é imediata."

Além de comprovadamente positivo, o envolvimento dos pais é um direito dos filhos. Luísa Marillack Xavier, promotora de Justiça da Infância e Juventude, do Ministério Público do DF, explica que a Constituição e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garantem aos brasileiros com menos de 18 anos o pleno exercício familiar. "Além de ciência do processo pedagógico, os pais devem garantir a presença dos filhos na escola e preservar o direito delas de aprender", afirma a promotora.

Pais voluntários

Onésio Monteiro da Silva, de 41 anos, pode confirmar a tese de que a parceria entre pais e escola contribui para a melhoria do desempenho de crianças e adolescentes. Paulo Henrique, de 8 anos, cursa o 3º ano de alfabetização na Escola Classe 16 de Taguatinga. Luta desde pequeno com a dificuldade de fala e comunicação. "Pagava, com muito sacrifício, escola particular para ele, mas não via avanço", lembra Onésio. Naquela época, ele e a mulher trabalhavam o dia inteiro.

No início do ano, ele trocou de emprego. Hoje, trabalha no metrô à noite e os filhos foram transferidos para a rede pública. "A direção do colégio nos orientou a estarmos presentes na formação dele, parabenizar as conquistas para aumentar a auto-estima e mostrar que nos importamos com ele. O resultado foi impressionante e hoje ele já se comunica melhor", orgulha-se.

Onésio não está sozinho. Na Escola Classe 16, um grupo grande de pais frequenta a escola rotineiramente, incentivando a diretora Neiva Mota Torquato. "Quando os pais não podem vir dou uma espécie de dever de casa para a família. Da última vez, foi construir robôs com material reciclado", conta Neiva.

A prática criou inclusive um programa de pais voluntários. Como mora longe, na zona rural de Águas Lindas de Goiás, a dona-de-casa Marina Nogueira Neves, 45 anos, leva a filha Amanda, 10, para o colégio e fica lá ajudando até o fim da aula. "Gosto de ter minha mãe aqui. Todo mundo chama ela de tia", diz Amanda. A menina, que antes estudava em uma escola rural, hoje é uma das melhores da turma.

Coordenadora do curso de técnicas para intervenção com famílias e grupos interfamiliares da Secretaria de Educação do DF, Helen Vieira Rodrigues explica que os exemplos do colégio de Taguatinga estão cada vez mais comuns na rede de ensino. "Depois de um período de solidão nas relações, os pais estão começando a voltar para a escola", conta. A mudança, no entanto, não ocorre sem esforço. "Temos públicos distintos, alunos que convivem com violência, pobreza e baixa auto-estima no meio de outros que se relacionam bem com a família. Os orientadores educacionais devem fazer projetos levando em conta os desafios de cada escola", explica. No último curso, entre 2004 e 2005, 200 dos 345 orientadores da rede do DF foram capacitados para envolver os pais.

Fotos Paulo H. Carvalho/CB



SEMPRE PRESENTE

ANTÔNIO TRABALHA À NOITE MAS NÃO DESCUIDA DO APOIO A GABRIEL E FLAVIANA: CONVERSAS DIÁRIAS E ELOGIOS

Em busca da parceria

A preocupação com os filhos não pode ser restrita aos pequenos. A participação dos pais também faz a diferença na vida de adolescentes e jovens. No entanto, segundo professores ouvidos pelo Correio, a maioria dos pais encara a chegada à juventude e ao ensino médio como serviço acabado na formação escolar dos filhos. A prova disso pode ser vista a poucos quilômetros da Esplanada dos Ministérios. No colégio de ensino médio Gisno, localizado na Asa Norte, professores e diretores tiveram que pensar estratégias para garantir a ida dos pais à escola pelo menos uma vez por bimestre: só entregam o boletim para eles.

Mesmo assim, menos de 30% dos adultos comparecem à escola. "Ficamos dias disponíveis, inclusive no sábado, esperando os pais para dialogar sobre o desempenho e a formação dos alunos. Assim, a gente dribla os argumentos de falta de tempo", afirma Joselito Almeida, vice-diretor do colégio. "Ainda assim, poucos aparecem aqui. Alguns telefonam ou mandam bilhete, o que, definitivamente, não é a mesma coisa." Depois de 15 dias, a direção é obrigada a entregar o documento para todos e passa a esperar os pais no próximo semestre.

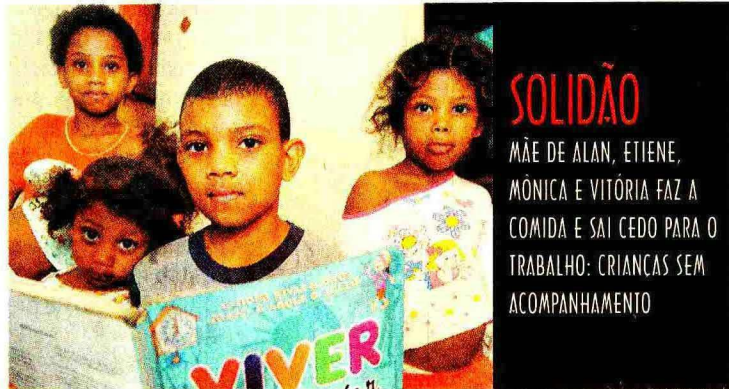


SEM TEMPO

KÁTIA IVO E A PILHA DE DIÁRIOS: "O ENSINO MÉDIO PEDE SOCORRO"

Modelo superado
Joselito, no entanto, não desiste. Preocupado com o desempenho dos estudantes, o vice-diretor assume o papel de educador para vários alunos. E chega a desenvolver um cronograma de estudos para os que têm maior dificuldade acadêmica. "Quando percebo que o aluno pode perder o ano ou está com problemas de aprendizado em alguma matéria, tento criar uma rotina de estudos e passo para pais e filhos", conta. Quando tem tempo, chega a telefonar para alguns desses adolescentes no horário marcado para os estudos só para garantir que eles estão mesmo enfrentando os livros.

A professora de sociologia Kátia Ivo resalta que o acompanhamento dos pais é fundamental e deve ser incentivado desde cedo. Segundo ela, no entanto, o modelo escolar precisa de mudanças para se adaptar aos novos tempos, em que pai e mãe muitas vezes trabalham ou não dividem o mesmo teto, nem as responsabilidades. "As estruturas não são mais tradicionais e o sistema precisa evoluir para que a participação seja natural", observa. Mas a principal queixa da professora não é esse descompasso. "Estamos cada vez mais responsáveis pela formação dos jovens, mas também não temos tempo", reconhece, mostrando a pilha de diários de classe. Kátia tem 13 turmas com uma média de 50 alunos cada. "Os jovens estão abandonados e o ensino médio pede socorro." (EK)



SOLIDÃO

MÃE DE ALAN, ETIENE, MÔNICA E VITÓRIA FAZ A COMIDA E SAI CEDO PARA O TRABALHO: CRIANÇAS SEM ACOMPANHAMENTO

ENTREVISTA

FÁTIMA GUERRA, pós-doutora em educação

SAÍDA É MANTER O DIÁLOGO

A função de educar estará incompleta se for exclusiva da escola ou ficar apenas sob a responsabilidade dos pais. A avaliação é da professora pós-doutora em educação Fátima Guerra, do Departamento de Educação da Universidade de Brasília (UnB). "Não existe uma criança que é da escola por um turno e, no resto do dia, é outra em casa no papel de filho", analisou, em entrevista ao Correio. Para ela, a saída é conversar sempre e mostrar interesse pela vida escolar do filho.

A escola não é suficiente para garantir o aprendizado de crianças e jovens?

O raciocínio deve ser mais amplo. Vamos partir do seguinte pressuposto: não existe uma criança que é da escola por um turno e que, no resto do dia, é outra em casa no papel de filho. Educação é um processo de vida, assim como ser pai e ser mãe. Se um engenheiro constrói uma ponte errada, ela cai. O que ocorre quando a construção da personalidade do filho não é bem feita?

E como evitar que isso ocorra?

A palavra-chave é envolvimento. Não existe separação de papéis e, da mesma forma, não deve existir divisão de responsabilidade. A transferência de educação é errada. Os pais são os primeiros educadores das crianças e dos adolescentes. Quando chega a vez da escola, ela entra na vida dos alunos com outras responsabilidades que são complementares.

Que dicas você daria aos pais?

Conversar sempre. Manter-se em diálogo o tempo todo naturalmente. Ir à escola sempre, não apenas quando é chamado para uma reunião. E, por fim, mostrar interesse pela vida escolar acompanhando as tarefas sem, no entanto, invadir a privacidade do filho.

Mas e quando os pais buscam aulas de apoio no turno contrário ao da escola para fazer o dever?

Existem pais que, para se livrar do problema, colocam a criança na escola em um turno e no outro mantêm ela em uma escola onde vai fazer o dever de casa e rever a lição. Pai e mãe ficam aliviados, com sensação de que as responsabilidades acabaram. Esse raciocínio está errado. A participação do pai deve ir além de checar o dever de casa. Participar é saber qual é a forma de pensar e ver o mundo do filho. São essas as referências que vão estruturar a vida dele.

Isso também serve para os filhos mais velhos?

Claro. Mas a rede de confiança deve ter sido criada antes. Na adolescência, a influência do grupo é forte. Por isso, não adianta querer se aproximar de uma hora para outra. A relação deve ser anterior, criada ainda na infância a partir do diálogo que vai se manter por toda a vida e vai servir na construção do ser humano. É importante se fazer presente.

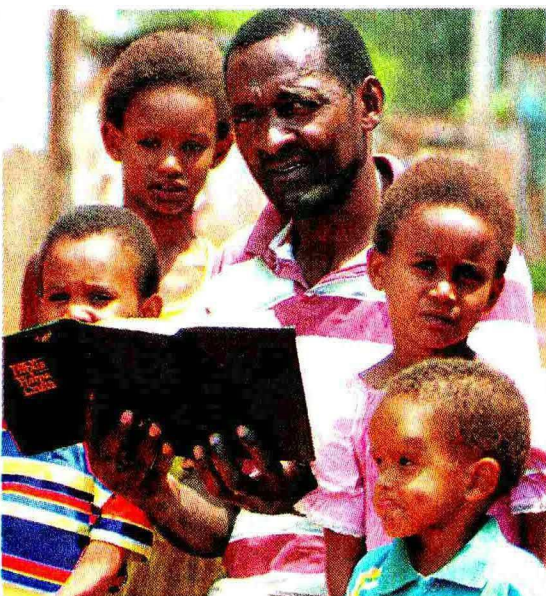
Os professores se queixam da ausência constante dos pais...

As escolas reclamam e muitos pais argumentam que estão ocupados demais com o dia-a-dia. O problema não é esse. O que percebo é que os responsáveis pelas crianças e jovens não sabem o que fazer. A escola, por várias vezes, opta por um discurso teórico de poder pelo saber que acaba por afastar os pais. Não se cria um diálogo e, com isso, o pai fica perdido no processo. (EK)

O exemplo da leitura

O ato de virar uma página de livro parece simples, mas pode fazer muita diferença na vida de uma criança. Ver os pais lendo dá um impulso no desempenho escolar dos filhos. E não precisa nem ser um livro infantil lido em voz alta, à noite, à beira da cama, antes da criança dormir. É o simples ato de ler. A constatação foi do Ministério da Educação (MEC), com base nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), há três anos.

Os alunos da 4ª série do ensino fundamental que sempre vêm a mãe ou o pai lendo obtiveram média 13% maior na prova de língua portuguesa do que aqueles que afirmaram que a mãe não tem o mesmo hábito. Enquanto a pontuação dos primeiros foi de 172,6, a dos outros ficou em 152,6. Seu Didi, como José Guilherme Silva gosta de ser chamado, não conhece esse estudo. Até porque não teve contato estreito com o ensino formal em seus 48 anos de vida. Ele estudou só até a 1ª série do fundamental, no interior da Bahia. "Trabalhava na roça com meus pais e irmãos e todo mundo ficou sem estudar para ajudar na lida", lembra.



FUTURO

DIDI LÊ SEMPRE A BÍBLIA PARA OS FILHOS: "LIVRO É MUITO CARO"

anos, já tenta uma vaga para a pequena na Escola Classe da Estrutural para o ano que vem. Com história bem semelhante à do marido Didi, Juciara também veio da Bahia e pouco estudou: só até a 2ª série do fundamental. "Eu quase não leio. Só endereço", afirma. "Mas meus filhos vão ter uma vida melhor, pode escrever aí", garante. (EK)